

POR UMA GEOPOÉTICA URBANA (ARTE, CIDADE E PAISAGEM)

Toward a urban geopoetic (art, city and landscape)

Pierre Caprez¹

RESUMO

A imagem da cidade, nascida outrora de uma consciência cósmica e simbólica, transformou-se na cidade-máquina devoradora da paisagem, denunciando nossa imagem de Mundo reduzindo a um sistema de coisas. Esta é uma herança da visão dicotômica sujeito/objeto da metafísica clássica e da ciência que criaram o dualismo entre progresso/natureza e hoje desafiada com o colapso do modelo insustentável da modernidade. No entanto, não somente a fenomenologia da imaginação criadora de Bachelard promoveu uma visão poética do espaço nas artes com novos regimes de fruição e visibilidade insuflando um sentido novo na imagem da cidade e do mundo, como também a noção de Ecúmeno de Augustin Berque, trazem hoje uma visão de mundo que conjuga o sensível, a concretude, o simbólico e a técnica, reconstruindo a tessitura sensível da cidade em sintonia com o poema do mundo. Essa seria o Oriente da arte hoje pela geopoética; fazer desabrochar os lugares da cidade restabelecendo suas conexões vivenciais, simbólicas e técnicas com a paisagem e a matriz cósmica em direção ao Devir, o da feliz-cidade.

Palavras-chave: Imaginação poética. Ecúmeno. Fenomenologia.

ABSTRACT

The image of the city, born of a cosmic and symbolic consciousness, became the devouring machine-city of the landscape, denouncing our image of the World, reducing to a system of things. This is an inheritance of the subject/object dichotomous view of classical metaphysics and science that created the dualism between progress/nature and today challenged with the collapse of the unsustainable model of modernity. However, not only has the phenomenology of Bachelard's creative imagination promoted a poetic vision of space in the arts with new regimes of fruition and visibility, instilling a new meaning in the image of the city and of the world, as well as the notion of "Ecumene" by Augustin Berque, today a worldview that combines the texture sensitive, the concrete, the symbolic and the technical, rebuilding the sensitive *architessitura* of the city in harmony with the poem of the world. This would be the East of art today by geopoetics; to open up the places of the city by reestablishing its experiential, symbolic and technical connections with the landscape and the cosmic matrix towards the Devir, that of the happy city.

Key-words: Poetic imagination. Ecumene. Phenomenology.

¹ Professor Doutor do Departamento de Arte, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ). pierrecrepez@hotmail.com.

✉ Rua Professor Lara Vilela, 126, IACS, São Domingos, Niterói, RJ. 24210-590.

APRESENTAÇÃO

"A primeira tarefa do poeta é de libertar em
nós uma matéria que quer sonhar."

Gaston Bachelard, 1943

A cidade, nos primórdios, foi sonhada e desejada como um modo singular de Habitar a Terra. Ela é produto do desejo, de um sonho de **viver juntos**, e não puro produto da necessidade. A cidade, enquanto criação humana nos ecossistemas diversos onde ela foi instalada, foi imaginada e materializada segundo um modo específico de **ser no mundo**, transformando-se em marca e matriz da vida dos homens na Terra numa gênese mútua que Durand chamou de **trajeto antropológico** e que Augustin Berque viria nomear por extensão como **trajeção**; o modo dialógico do homem ao se relacionar com seu meio.

Chamaremos de trajeto antropológico a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social (DURAND, 1997, p.41).

Dos primeiros traçados circulares cosmo-genéticos, passando pelo sonho cristalino da "cidade ideal", até a "cidade radiosa" da modernidade, a cidade revela a natureza deste diálogo com o mundo e a paisagem. A arte que dá testemunho dessa presença no mundo, também inspirou a cidade os **seus desígnios, seus desenhos**. As vanguardas positivas (cubismo, futurismo, construtivismo) tiveram um papel determinante na formulação da gramática visual da cidade moderna, adaptando-se às condições de produção industrial, e contribuindo na formação do "homem novo universal".

As cidades atuais são produtos de uma a visão mecanicista consagrada pela "ciência do urbanismo" na modernidade, com

drásticas consequências para a nossa qualidade de vida. Mais ainda, ao adotar os procedimentos industriais (serialização, repetição) da cultura de massa, uma **imaginação reprodutora** consagrou-se como modelo dominante, agenciando nossas percepções fragmentadas do mundo, sintomática de uma cultura dualista. Hoje, o exercício hegemônico da **imaginação reprodutora** regido pelas forças econômicas e a lógica mercantilista se impõe ao nível global e várias "requalificações urbanas" estão transformando as fisionomias das nossas cidades, suas paisagens e morfologias, apagando a **tessitura das relações sociais, afetivas, ambientais e produtivas** que ali se estabeleceram, implicando uma **perda de sentido da cidade e sua insustentabilidade**. Em que medida a arte contemporânea pode contribuir em reverter esse quadro promovendo uma reconexão da cidade com sua paisagem e com a vida?

IMAGEM FRAGMENTADA DO MUNDO

Quando a arte moderna acolheu com otimismo a ideia de uma mutação do mundo e da sensibilidade pela máquina, rompeu com as tradições e crenças do passado e seus artistas reivindicaram a autonomia da arte para o pleno exercício da liberdade criadora, afastando-se da Natureza e celebrando **a abstração e suas poéticas fragmentadas**. Esta abstração da natureza e redução à sua estrutura essencial, trazida pelos **construtivistas, cubistas** e o movimento de Stijl, pretendia **purificar** a linguagem com uma metafísica e gramática de formas geométricas e uma paleta cromática elementar segundo uma **lógica sistemática**. O criador havia agora de se expressar com uma nova arquitetura **de significantes** em todos os domínios da linguagem artística: pintura, arquitetura, música, teatro, até no cinema (o Balé mecânico de F. Léger), esse era o espírito dos novos tempos (*"l'esprit*

Por uma geopoética urbana (arte, cidade e paisagem)
Pierre Caprez

des temps nouveaux”) confiando na Ciência, a nova religião. As velhas categorias do transcendental sucedeu o Mito do Progresso e sua nova imagem **desencantada** de um mundo regida por uma mecânica precisa, controlando o tempo e o espaço vital, individual e social “disciplinando” nossa natureza humana “imprevisível e imperfeita”!

ONTOGÊNESE DA IMAGEM E DA PAISAGEM

Sabemos que nos tempos primordiais, a imagem vinha das entranhas do homem como **signo e realidade confundidos**; havia uma unidade Homem/Natureza. A “*physis*”, assim designada pelos pré-socráticos, buscava o princípio (*arché*) das coisas, esse processo de surgir e desenvolver-se do permanente movimento vital. A poesia no mundo grego era expressão dessa *physis*, substituída mais tarde pela *mimese* de Platão, para o qual o mundo percebido no **interior da caverna** pelos sentidos era considerado a imagem pobre do Real enquanto a verdade vinha das luzes da razão filosófica e pertencia ao mundo das ideias estabelecendo no mito da caverna a separação das luzes com as sombras, da alma com o corpo, da razão com a sensibilidade, do homem com a natureza, gerando o que chamaremos aqui de **ferida narcisista; o princípio** da fragmentação do Homem e do Mundo.

A forma ou ideia atemporal e a-espacial (*eidos* ou *idea*), quer dizer o ser absoluto é o que é o ser verdadeiro (*ontos* on) que decorre do inteligível e do outro o ser relativo ou em devir (*genesis*), nascido do mundo sensível. Ademais, ele introduz uma noção singular; a *khôra*, enquanto abertura pela qual surge a existência dos seres que constituem o mundo (BERQUE, 1987, p.31).²

² Tradução livre de: “La Forme ou Idée intemporelle et a-spatiale (*eidos* ou *idea*), c’est à dire l’être absolu qui est l’être véritable (*ontos* on) et relève de l’intelligible d’une part, d’autre part, l’être relatif ou en devenir (*genesis*), qui relève du sensible. Mais en plus il y introduit une notion singulière; la *khôra*, en tant qu’ouverture par laquelle adviennent à l’existence les êtres qui vont constituer le monde”.

A *khôra* seria então mais do que uma descrição da realidade física do lugar das coisas, mas sua **realidade sensível, de modo que a khôra** contextualiza todo objeto em **sua rede relacional**, enquanto ao contrário “o *topos*” isola. Já com Aristóteles encontra-se uma **solidariedade das formas-matérias** como conjunto indivisível que ele nomeia de substância (*Ousia*), conduzindo a uma interpretação outra de *mimese* de Platão que ele redefine em sua obra “Poética”. Para ele pelos sentidos somos informados sobre as realidades profundas do mundo, vale dizer sobre a “alma do mundo”. O poético, para além da repetição do mesmo (mecânico) cria (*poiei*) o novo, a história e a evolução para além da identidade pois é a vida é emancipação. “Ela mantém o primitivo e inova continuamente, é ao mesmo tempo continuidade (uno) e descontinuidade (múltiplo)” (BERQUE, 2014, p.217). Se com Aristóteles, o espaço se **substancializa** e o lugar (*topos*) é então entendido em sua **fisicalidade** como emanando das sensações e sentimentos no corpo, no idealismo da concepção platônica, o mundo sensível é desqualificado em nome de uma pureza ontológica. Mas é nos tempos medievais que a visão do mundo clássico e o universo se reconfigura. Nele tudo estava interligado numa grande hierarquia metafísica e o homem era a **cavilha do sistema cósmico**, o elo vital entre o domínio espiritual e terrestre, ocupando uma posição em que intermediava mundos.

Quando os medievais diziam que a humanidade estava no centro do universo, não era tanto a nossa posição astronômica que se referiam, mas ao nosso lugar no centro dessa ordem metafísica (WERTHEIM, 2001, p.24).

Nessa visão de mundo, o homem voltava-se para as **virtudes contemplativas do ser supremo** em prol da unidade perdida. No entanto, a **contemplação** como modalidade cognitiva, já se

encontrava no Oriente bem antes do cristianismo. Na China é por **impregnação** na paisagem, ouvindo e aprendendo a “lição das coisas”, que o **pintor-monge** realizava sua obra. O **sopro** (TAO) que inspirava sua **grafia** de traços delicados eclodia do campo fenomenal, filtrada essa sensibilidade da qual o Ocidente tinha virado as costas. Esse imaginário oriental enraizava-se na paisagem, na natureza, enquanto a herança platônica conduzia a tradição ocidental a uma consciência autonomizada que irá evoluir para a transcendência matemática das leis que governam os fenômenos já com Galileu. Essa nova imagem do mundo onde o espaço físico seria **infinito**, preenchendo a totalidade do real. Da nova visão, formulada no século XVII, nascera a filosofia mecanicista concebendo o mundo não mais como uma grandiosa hierarquia metafísica, mas como um vasto relógio.

A res-extensa, ou o domínio fisicamente extenso da matéria em movimento, e a res-cogitans, o domínio imaterial dos pensamentos, sentimentos e da experiência religiosa. O objetivo da nova ciência mecanicista era de descrever apenas as ações de corpos materiais no espaço físico, aplicado, portanto unicamente ao res-extensa (WERTHEIM, 2001, p.26).

Com essa discriminação entre a **coisa extensa** e a **coisa pensante** a cultura Ocidental completou sua sede de objetivar o mundo. O **espaço absoluto da física** seria o preço pago pela vontade de medir, controlar e explorar as “forças” da natureza. Ora, o espaço absoluto é **anti-geográfico**, já que a **geo-grafia** trata do modo como o ser humano grava-se sobre a Terra, e como este é reciprocamente gravado em certo sentido por ela, sua matriz, todo objetivismo absoluto extirpa do mundo sua geograficidade diria Eric Dardel (1990).

É contra a herança da objetividade e do domínio da razão que o projeto do romantismo no século XIX, se levantou, sustentando

o problema da **consciência de si** diante do mundo, descobrindo o sublime da paisagem na pintura e na poesia.

Este projeto se insurgia contra a crescente partição do mundo, contra sua conformação em poucas categorias, fossem as aristotélicas, fossem as kantianas, onde as múltiplas variáveis relativas às formas e, principalmente, relativas às quantidades, prevalecem sobre os processos e as relações (HOLZER, 2012, p.285).

A paisagem passou a ser entendida como espelho da alma, mediação entre o homem e o cosmos, expressão de uma **intersubjetividade**. Ser profundo equivalia a explorar as profundezas do mundo e do ser humano, **atrever-se**, no território das sombras e da solidão, e nela buscar a luz da inspiração.

Era, portanto, nas sombras e nas trevas, no medo e no tremor, nas cavernas e nos abismos, na borda dos precipícios, no manto das nuvens, nas fissuras da terra que se havia de descobrir o sublime (SCHAMA, 1996, p.450).

A paisagem moderna emergente no final do século XIX, viria novamente levantar a questão do papel da **consciência na construção do real**. Com o impressionismo, pós-impressionismo e expressionismo, a visão da paisagem será agora nuançada, adjetivada pela sensibilidade. Monet e Van Gogh consolidaram essa concepção fenomenal da paisagem cujos traços expressivos bebiam sua inspiração do Oriente, reconhecendo o poder visionário da intuição criadora, invocando o “gênio” da imaginação, restabelecendo **a comunhão com a alma do mundo**.

Desde meados do século XIX, crescia essa nova **consciência de si** com a socialização urbana vertiginosa imposta pela cidade, cada vez mais tensa e densa, obrigando os indivíduos a se voltar para si. A cidade era

a matriz de indivíduos socializados, mas sobretudo individualizados, capazes de escapar da prisão institucional e de se distanciar dos valores e referências propostas pela sociedade.

Mas a visão progressista vingou na história, conduzida pelo entusiasmo daqueles que como Le Corbusier, acreditavam na tecnologia como caminho de redenção, propondo a máquina como modelo para a arquitetura, a cidade e a arte, e não mais a natureza, consolidando assim uma **imagem de mundo a-poético e a-cósmico** e que só viria a ser contrariado pelo advento da fenomenologia revisitando nossas bases epistemológicas.

FENOMENOLOGIA E IMAGINAÇÃO CRIADORA

A fenomenologia, enquanto método desconstrói a visão dicotômica do mundo pela ciência. Seus autores, Husserl, Maurice Merleau-Ponty, Bachelard, Heidegger, propuseram uma **reconfiguração sensível do real**; segundo eles, para se combater esse **objetivismo** nascido com a **matematização da natureza por Galileu** (HUSSERL, 2012) era necessário reintegrar as ciências ao mundo da vida e a existência de cada um:

A crise se manifesta como a ruptura de um mundo; o mundo da ciência tal como a ciência o constitui e o vê se destacou do mundo da vida (*lebenswelt*). Que relação permanece entre um mundo de que fala o físico e aquele de que fala o poeta ou do qual falamos na linguagem da vida cotidiana? [...] a objetividade da ciência se perverteu em objetivismo (DARTIGUES, 2005, p.67).

Em seus escritos Husserl, volta-se para as **experiências ante predicativas**, anteriores aos conceitos e julgamentos, no mundo pré-científico da experiência cotidiana. Para a **fenomenologia** não existe uma consciência pura, nem **"a coisa em si"**, mas **"para si"**. O objeto

existe só para o sujeito que lhe dá significação, não existe consciência separada do mundo. Consciência é **consciência de alguma coisa** e ao se voltar para o objeto já teria sido feito um recorte, uma **escolha** não desprovida de sentido *a priori*. A fenomenologia critica assim a metafísica clássica cuja noção do ser é abstrata, vazia, e "se volta" sobre a realidade segundo o ponto de vista do sujeito, de sua **experiência**. O corpo também deixa de ser coisa, para ser considerado como condição primeira da experiência, reconhecido em sua faculdade de abertura perceptiva ao mundo e ao seu investimento, **reconhecendo uma corporeidade da consciência e uma intencionalidade corporal** (MERLEAU-PONTY, 1996) que será amplamente reivindicado nos anos sessenta nas manifestações performáticas dos artistas e suas derivas na cidade.

Reafirmando esta intersubjetividade entre o homem e a natureza, Bachelard irá propor **um novo espírito científico**, restituindo à imaginação um **papel fundamental na construção da realidade**. Em seus escritos, declarando **a vocação onírica natural do ser humano**, a imagem do mundo não é puro constructo da razão, mas nela participa o poder dos sonhos, pois para Bachelard não há antinomia entre o pensamento racional e a imaginação, ambas participam do mesmo **movimento do espírito**. Com ele a imaginação é operante e não decorre de um mero reordenamento da percepção (o que impossibilitaria o surgimento do novo, do inaugural), ela é **criadora**, inauguradora, inventa sentidos novos; **"ela é prospectiva e agencia a aventura da percepção"** (BACHELARD, 1947, p.4, grifos acrescentados).

A imagem é então o resultado de um ser imaginativo e de um ser imaginado, situa-se justamente neste intervalo entre a realidade psíquica e a realidade física, é o elemento de um meta-psiquismo. Deste modo Bachelard (1947, p.5) restabelece o papel positivo da imagem enquanto realidade. "A imagem tem uma dupla realidade:

uma realidade psíquica e uma realidade física. É pela imagem que o ser imaginativo e o ser imaginado estão próximos”. Assim, para Bachelard, o movimento essencial da imagem tem sua origem na consciência. Ela provém do ser, da alma, do coração do homem e é uma manifestação direta do ser. “A imagem poética é um repentino relevo do psiquismo” (BACHELARD, 1957, p.1). A imaginação não se contenta em fornecer apenas imagens da realidade, ela forma as imagens que a transcendem, produz visões, e se educa através dos sonhos e não meramente através da experiência. Com isso, Bachelard (1942) levanta em seus estudos, a **Imaginação Material**, rompendo com a concepção formalista. Toda imagem poética nasce, segundo ele, de uma cooperação entre a imaginação das formas e a imaginação material, e esta última mergulha na substância dos elementos primordiais, opera na raiz do ser, dela emergem imagens que têm densidades.

Por isso Bachelard nos propõe a **escola do devaneio poético** que se assemelha a uma **meditação profunda**, um aguçamento da consciência. Mas se trata de um devaneio acordado onde o sonhador é dupla consciência do ser e do mundo, e nele um sonhador descobre suas profundezas. O devaneio bachelardiano é então uma **abertura** que nos faz habitar o mundo, é um estado real que coordena a vida e proporciona um despertar. As imagens do devaneio são valores a partir dos quais nós somos criados. Mas há um tipo de imagens que surgem de um tipo característico de devaneio, o **devaneio cósmico**. Esse devaneio cósmico aflora na tranquilidade, diante de um belo espetáculo do universo, de uma paisagem. No devaneio cósmico conjugam-se duas profundezas, um mundo e um homem sendo o tempo suspenso, o sonhador se torna um sonhador de mundos. “O devaneio cósmico nos faz habitar um mundo, pela cosmicidade da imagem nós recebemos uma experiência de mundo” (BACHELARD, 1957, p.152). Esse devaneio persegue um bem-estar, um eixo de

felicidade, naturalmente ele nos faz habitar uma **feliz cidade**. Assim, as imagens cósmicas engrandecem o mundo: “**Então o mundo é grande e o homem que o sonha é uma grandeza**” (BACHELARD, 1957, p.149, grifos acrescentados).

A lição de arte que extraímos desse pensamento, é que precisamos de imagens que não nascem mais de uma percepção banal, mas de um desejo de **ver além**, de ser **visionário**. Esse mundo que emerge do devaneio cósmico não é um mundo fragmentado, ele nos é dado como uma totalidade. O sonhador vem habitar um Todo e nele é amparado por uma unidade de mundo, unidade de sonho, unidade de ser pois “**O sonhador de mundos não conhece a divisão do seu ser**” (BACHELARD, 1960, p.150, grifos acrescentados).

Na cidade, o olhar poético é este centro que irradia, brilha e ilumina aquilo que escolheu, como um pequeno sol que vivifica os cenários da vida ao seu redor. “A tarefa do poeta é nos oferecer os mundos do maravilhoso, esses mundos que nascem de uma imagem cósmica exaltada” (BACHELARD, 1960, p.175).

Verificamos então o quanto o pensamento de Bachelard é uma **abertura** (pela imaginação) ao mundo, realizando esse entrelaçamento entre o sujeito e o lugar, como nessa imagem da **fita de Moebius** que vários artistas de Escher, Ligia Clark até Anisch Kapoor viriam a evocar em suas obras. Esses devaneios cósmicos podem ser uma modalidade de apreender o fenômeno urbano no intuito de uma transfiguração, nos **devolvendo o direito de sonhar**. Se entendemos por tecnologia, a expansão da mente do homem (e não só técnica) então, compreendemos aqui o devaneio como uma tecnologia da paisagem.

No mundo apreendido pela imaginação bachelardiana não estamos inseridos em um mundo de coisas, mas pertencendo a uma **tessitura de relações** que a sensibilidade é capaz de intuir, restabelecendo a *khôra*

Por uma geopoética urbana (arte, cidade e paisagem)
Pierre Caprez

que a modernidade desfez ao abstrair e isolar as coisas no mundo em seus *topos*. Eis é a **cosmicidade da cidade** que contemplamos e que para além da **sustentabilidade**, restabelece a arquitetessitura relacional da cidade ao mesmo tempo sensível, técnica, simbólica e ambiental em harmonia com a vida.

RE-COM-FIGURAÇÃO: AS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS NA CIDADE

Esse legado bachelardiano influencia artistas e arquitetos que hoje utilizam o poder da imaginação e as virtudes das imagens poéticas em meio a um cenário de saturação e manipulação do imaginário pelo consumo excessivo e a espetacularização do mundo. Porém a imagem da cidade global é a imagem de um pensamento único, criado pelos meios de comunicação e que se tornou um produto, uma **“Imagem desencarnada”** que não resulta da vivência nem do exercício da imaginação local. Havemos de “resistir” à “imagem-comóditie” pelo exercício da imagem poética e reconhecer que sem a imaginação criadora nossa visão de mundo se “encurta”, nos tornando incapazes de adentrar na **dimensão do outro, na multiplicidade do mundo e na experiência**, nem entender nossa **interdependência com o Todo**. A imaginação é um órgão da vida, a base da nossa própria humanidade, ela nos conecta com a **matriz cósmica**.

Sem imaginação não teríamos a sensação de empatia e compaixão, sequer suspeitaríamos do futuro, tampouco poderíamos fazer julgamentos éticos e escolhas (PALLASMAA, 2013, p.10).

Encontramos nas correntes artísticas de ontem e de hoje, aquelas que se contrapõem à **ideologia da reprodução do mesmo**. Já a vanguarda, dita negativa, do surrealismo que sondou o “inconsciente” (FREUD,

2012; JUNG, 1998), abriu nos anos vinte o **horizonte dos sonhos**. Tal tendência estava também presente no expressionismo e primitivismo jogando “sombras” sobre o **etos civilizacional do ocidente**. Essa herança viria se manifestar durante toda primeira metade do século XX, até reaparecer na segunda fase do industrialismo em larga escala, na sociedade de consumo dos anos 60, quando com os novos meios técnicos de reprodução da imagem, e quando a obra de arte perdeu sua “áurea” (BENJAMIN, 1994) almejando a ubiquidade como qualquer produto, sem conexão com o contexto e a cultura local.

Hoje assistimos ao **retorno da imagem poética** que dialoga com o lugar e contexto de inserção, abrindo a cidade ao diverso e ao plural e significando sua paisagem, seu horizonte, seu devir. Tais imagens poéticas reagem ao pensamento hegemônico. É essa Imaginação Criadora presente nas várias vertentes das artes que pode reabrir hoje o espaço do desejo, de um desejo de **vida futura** para a cidade, de uma cidade para todos, o que não pode ser confiada exclusivamente aos **saberes das ciências e da tecnologia**.

Hoje as artes contemporâneas saíram do “cubo branco” (espaço metafísico!) e se voltam para as ruas e a cidade e suas paisagens, tirando a obra de arte do seu estatuto de objeto confinado a um *topos* e mergulhando em um diálogo com a vida. Seus eixos conceituais/formais/poéticos estão hoje questionando nossas abordagens e metodologias convencionais na cidade, em prol de uma **re(com)figuração do corpo medial da cidade pelo poético**. Eis as estratégias da arte hoje de reconexão com a vida:

- O Land arte é que reencontrou a **paisagem** em sua extensão cósmica, produto da intersubjetividade, promovendo uma fusão, uma cosmos-osmose, nos **reconciliando com a TERRA, remediando nossa** visão fragmentada sobre o mundo pela

- poética e **segundo** as dinâmicas internas dos elementos materiais da natureza condutores dos devaneios.
- É pelo Corpo que a arte contemporânea desperta nosso sentido de espaço, deixando de ser abstrato e se tornando **vivencial, atmosférico**, reabrindo nossos sentidos, reconstruindo a integralidade da experiência humana e negando assim o distanciamento metafísico com o mundo. Abrindo-nos à alteridade, **ao outro, ao diverso**. O corpo assim implicado, ampliou nossas falas no mundo e na cidade, deu-lhe um papel não somente poético, mas também político.
 - Abrindo novos mapas: a arte contemporânea hoje atreve-se em desvendar territórios na cidade, recantos e atalhos desconhecidos, apropriando-se deles com outras narrativas diferentemente daquelas impostas pelo funcionalismo, investindo deste modo as partes excluídas da cidade.
 - Hoje é pela escrita nas paredes e muros que se lê a cidade como um **livro aberto** e sobre o qual devemos nos pronunciar. A Arte devolve aos muros e fachadas uma vocação de veículo simbólico para escrever seu destino, ou ainda assegurar a memória dos lugares.
 - Com os coletivos a arte cria **novas modalidades de participação** e sociabilidade fortalecendo essa consciência de que a cidade é uma **escultura social** da qual todos nós devemos participar. A arte hoje fortalece a cidadania.
 - Pelo poder simbólico do espaço público na cidade e que deve eclodir do conjunto dos atores que constrói o lugar, tanto em seus aspectos materiais e técnicos como imateriais e temporais (histórico e cultural).

- Pela Arquitetura que volta a assumir seu papel de arte urbana, resgatando o seu poder simbólico e sendo veículo de valores na cidade em sintonia com o meio social, cultural e ambiental do lugar.
- Pelos micros enunciados constituídos pelos mobiliários urbanos que passam a contribuir com seu design, em construir atmosferas na cidade portadora de sentidos.
- Enfim pela imersão nas novas tecnologias, a arte contemporânea constrói hoje parcerias, saindo das trincheiras e do seu tabernáculo, para se inscrever na matéria do mundo, em sua espessura semântica, em sua concretude, para dela florescer, contaminando o horizonte pela imaginação. Não há mais hoje territórios ou meios contaminados que não possam ser apropriados, desviados, ressignificados pela imaginação criadora, podendo abrir caminhos para a emancipação. A Tecnologia é constitutiva do meio dos homens e com arte pode contribuir na construção de um mundo mais humano e sustentável.
- São essas as virtudes **geo-poéticas das artes** que despertam uma consciência de pertencimento ao todo (social, cultural, técnico e ecossistêmico), e da nossa interdependência com a vida em sua diversidade que devemos acolher para a mudança. A **geopoética** enquanto **grafia poética do lugar** numa perspectiva intersubjetiva que fornece um sentido humano e vital a cidade. Neste contexto a obra de arte é esse **portal cósmico** que nos proporciona uma epifania de Mundo em sintonia com o Poema do Mundo. “É por isso que a humanidade, abrindo/cobrando a distância entre o mundo e o universo, pode habitar em poeta” (BERQUE, 2012, p.281).³

³ Tradução livre de: “C’est pour cela que l’humanité, ouvrant/couvrant l’écart entre le monde et l’univers, peut habiter en poète.”

DO GLOBAL À POÉTICA DA TERRA

Hoje quando falamos em imagem de mundo nos vem naturalmente a ideia da mundialização (segundo a tradição francófona) ou ainda da globalização (segundo a tradição anglófona) enquanto nova escala planetária. As revoluções dos tempos modernos tinham prometido vida melhor para todos, mas com a queda das utopias assistimos ao abandono dos valores humanistas e o surgimento do fundamentalismo (da religião do consumo e de consumo da religião). Tal situação tem fomentado uma globalização perversa, promovendo privatizações e **deslocalização da produção**. Como consequência o território, enquanto matriz, fragmentou-se com ações sem responsabilidades sociais e ambientais fazendo da globalização uma “fábrica de perversidade” (SANTOS, 2001). Deste modo, o “**globalitarismo**” vem fragmentando a *chôra*, a arquitetura relacional de tudo e de todos. As mercadorias ocultando suas origens e condições de produção agora afetam os outros territórios pelo desmantelamento das relações sociais e ambientais. Qualquer objeto vira pura **externalidade**, não devolvendo benefícios sociais, econômicos, ambientais nas localidades onde é consumido. Tal visão de mundo começa hoje a encontrar resistência com o **consumo consciente**, que nada mais é que a devolução da *chôra* das coisas com implicações em amplos campos de atuação. Assim essa fragmentação que se originou da metafísica, se expandiu com a ciência e se consolidou na modernidade, alcançando seu atual estado de fragmentação no território da política, da cultura e do meio ambiente.

O mundo atual se globaliza irremediavelmente, mas está em posse de novos meios de comunicação e tecnologia permitindo novos modos de articulação da vida social e produção de conteúdo fora do controle. Frente à cultura hegemônica a imaginação não deixa de reagir e se

manifestar contribuindo a uma **reinvenção do mundo**. Novos modos de produção econômicos em regime de solidariedade e parcerias coletivas estão aparecendo. Estéticas novas dão vozes às **periferias** e as culturas das minorias. É uma globalização diferente, solidária e plural que pode se desenhar hoje. A visão dualista é que nos joga nos braços dos fundamentalismos, do **tecnicismo** ou de um **anti-industrialismo** a favor de uma “natureza pura” (como se esta não fosse **consubstancial** do Homem, de sua cultura e de sua técnica!). Ainda precisamos reagir às distorções dessa hipermodernidade tecnicista e universalista que transforma o mundo em um sistema de coisas, em um mundo **artificial**. A base metafísica de nossa civilização técnica continua a nos fazer sonhar nosso desprendimento da base terrestre em uma fuga para o alto!!! O verdadeiro desafio atual está na relação dialógica entre terra e céu. É o que a simbólica arquitetônica expressou durante séculos antes que a tecnologia nos fizesse superar a gravidade. Ao esquecer esta verdade, a arquitetura e o urbanismo descosmizaram-se:

À arquitetura cabe materializar este elo, hoje imperceptível. É na arquitetura que mais se expressou a base acósmica da modernidade. É a arquitetura que, em poucas décadas, chegou a desfazer as composições urbanas que a história tinha realizado durante milênios. É este urbanismo desejado pelos arquitetos que desfez as cidades junto com os campos hoje imersos numa urbe difusa e acósmica (BERQUE, 2008, p.240).⁴

É tempo de concertar nossas bases conceituais e nossas práticas. É o que faz a consciência ecológica ao procurar integrar o ato

⁴ Tradução livre de: “C’est à l’architecture qu’il incombe de matérialiser ce lien devenu insaisissable. C’est donc en architecture que s’est exprimée le plus manifestement l’acosmie de la basse modernité. C’est l’architecture qui, en quelques décennies, a décomposé les compositions urbaines que l’histoire avait mis des millénaires à réaliser. C’est l’urbanisme voulu par des architectes qui a défait les villes et du même pas les campagnes, désormais confondues dans l’acosmie de l’urbain diffus.”

arquitetônico ao **ato primordial de instalar a vida com o devido cuidado aos ecossistemas**. Entre as imagens de mundo produzidas pela **imaginação reprodutora** de modelos falidos e as imagens trazidas pela imaginação poética sintonizando o homem com a vida, a natureza, os lugares, precisamos hoje escolher. Seria preciso a nosso ver reafirmar a **Poética da Terra defendida por Augustin Berque. Inspirado do grego *oikouméne*, sua noção de Ecúmeno** "*ce en quoi la terre est humaine, et terrestre l'humanité*", nos parece pertinente para articular as ciências da natureza com a fenomenologia da criação à procura de uma via da sustentabilidade. Esta noção vem preencher o vazio que a modernidade estabeleceu entre cultura e natureza, estabelecendo a **dimensão medial entre o homem e a Terra**.

O conjunto e a condição dos meios humanos, no que eles tem de propriamente humano, mas nem por isso menos ecológico ou físico. É isso o Ecúmeno, algo que é plenamente a morada (oikos) do ser do homem (BERQUE, 1987, p.17).⁵

Com tal noção, a Técnica enquanto realidade produzida pelo homem também constitui o meio onde ele vive. "O ecúmeno é uma relação; a relação ao mesmo tempo ecológica, técnica e simbólica da humanidade estendida à escala terrestre" (BERQUE, 1987, p.17).⁶ Neste contexto racionalidade e sensibilidade conjugam na modelagem do mundo pela ação criadora, técnica e simbólica, e nos inscreve no "**Poema Do mundo**", entendido por Berque como a grande **poiéisis da matéria e do tempo**. Ora ao suprimir a *khôra*, a modernidade dualista assim ressecou o fluxo vital que faz crescer conjuntamente as pessoas e as

5 Tradução livre de: "L'ensemble et la condition des milieux humains, en ce qu'ils ont proprement d'humain, mais non moins d'écologique et de physique. C'est cela, l'écouméne, qui est plénement la demeure (oikos) de l'être de l'humain".

6 Tradução livre de: "L'écouméne est une relation; la relation á la fois écologique, technique et symbolique de l'humanité á l'étendue terrestre".

coisas no mundo obstruindo o ser em seu devir. **O Ecúmeno** restabelece a abertura do ser no campo dos possíveis. Partindo dessa Imagem de Mundo (Ecúmeno), o artista, o arquiteto, o urbanista, **Tendo em vista** as relações estabelecidas em seus lugares até em suas ramificações cósmicas, fazem desabrochar a cidade. "A árvore é a imagem perfeita, desse enraizamento e desabrochar do ser: instalar-se, implantar-se, para poder crescer a partir do lugar" (BERQUE, 2012, p.371).

Se o homem mediado pela tecnologia pôde alçar voo, contemplando a terra de cima e se desprendendo da gravidade, hoje ele se volta sobre o lugar de sua existência, compreendendo sua interdependência com o todo cósmico e sabe que ele precisa transformar o metabolismo da cidade atual de modo a produzir não mais desigualdade, violência, poluição mas, respeitando os procedimentos cíclicos, deve assegurar um desenvolvimento integral do homem, em sua dimensão física e espiritual com um urbanismo aberto, dialógico implicando a participação de todos na cidade.

A Arquitetura e a Terra são consubstanciais, essa é a visão do mundo que se faz necessária, mas que encontra resistências nos gestores da cidade. Tal problemática traz a escala das responsabilidades em jogo em matéria de planejamento e denuncia a inconsequência de nossas práticas urbanísticas e criadoras atuais. É preciso conceber o urbanismo e a arte hoje como portadores de uma imagem de Mundo em sua unidade, de uma **visão cuidadora** do homem, de sua morada, da Terra, reconciliados pelo Poético.

Restabelecer constantemente a coerência entre o mundo interno, não somente de representações, mas de esperas e de disponibilidades e nosso mundo externo, reafirmando sempre a ordem do mundo, é uma necessidade vital para não mergulhar no caos; o imundo, nos lembra Chris Younés, é que ameaça, angustia, e nos distancia do meio assim produzido pela circulação do capital. Este reclama um espaço raso e liso, vazio,

Por uma geopoética urbana (arte, cidade e paisagem)
Pierre Caprez

uma tábula rasa onde todos os espaços se equivalem e aonde os agentes andam desenraizados, sem laço; um espaço inabitável (BERQUE, 2012, p.373).⁷

CONCLUSÃO

Há uma fratura na Imagem do Mundo, uma “ferida narcisista” que se instalou na aurora do Ocidente e cujo pensamento dicotômico teria preparado a base do **desencantamento de mundo**. Arrancado de sua base terrestre pela metafísica, o espaço moderno assim se desvitalizou, e virou uma abstração geométrica com coordenadas cartesianas fomentando a fragmentação do mundo moderno. Essa Modernidade **a-poética** e **a-cósmica**, prossegue na hipermodernidade globalizada e cuja lógica binária joga na periferia da vida os excluídos do sistema.


Mas o advento da fenomenologia nos permite hoje repensar nossas bases epistemológicas. Bachelard, enquanto fenomenólogo, restaurou o papel da consciência imaginativa e criadora, doadora de sentido na construção do mundo, e promoveu a reabertura do espaço pelo poético. Este nos torna íntimos do mundo e participante de sua dinâmica profunda. Identificamos nas imagens nascidas do devaneio cósmico horizontes sonhados e desejados que se contrapõem ao pensamento hegemônico. Para responder aos desafios da realidade atual, desafiado pela sustentabilidade, encontramos também no pensamento de Augustin Berque, uma imagem de mundo não fragmentada; o **Ecúmeno**, uma imagem de Mundo tendo Lugar,

⁷ Tradução livre de: "Rétablir constamment la cohérence entre notre monde interne, non seulement de représentations, mais d'attentes et de dispositions et notre monde externe, réaffirmer sans cesse l'ordre du monde, est une nécessité vitale sous peine de sombrer dans le chaos; l'immonde, nous rappelle Chris Younés qui menace, qui angoisse, et que le détachement du milieu que prône la circulation du capital engendre constamment. Il faut à celui ci un «espace plat et lisse», désaffecté, une tabula rasa où tous les espaces se valent, où les agents circulent sans enracinement, sans attache. Um espace inabitável."

onde sensibilidade, racionalidade, arte, técnica, materialidade, espiritualidade, cultura, natureza, o Céu e a Terra são **consustanciais**.

Ambos os pensamentos de Berque e Bachelard nos devolvem assim uma **plenitude de Mundo**. Dessas visões intuímos uma nova maneira de abordar a cidade, devolvendo à cidade sua cosmicidade, reconfigurando sua imagem pelo poético a partir de relações vivencias, intersubjetivas, espirituais e técnicas e ambientais.

Pensar o fenômeno da cidade é situa-lo nesta problemática maior que é a nossa **Imagem de Mundo**. A visão Ecumenal se propõe em **reconfigurar o mundo** enquanto arquitetura complexa de relações em harmonia com o **poema do mundo**. O Ecúmeno é um **operador de unidade** que contemplamos neste presente estudo, como matriz da **inspiração geopoética** abrindo a sensibilidade para perceber os sistemas de relações que constituem os lugares da cidade, a integra e a faz desabrochar em direção a **Feliz Cidade**.

“O mundo desabrocha no poema” (DUFRENNE, 1969, p.217). 

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **L'eau et les rêves. Essai sur l' imagination de la matière**. Paris: Librairie José Corti, 1942.

BACHELARD, Gaston. **L'air et les songes**. Essai sur l' imagination du mouvement. Paris: Librairie José Corti, 1943.

BACHELARD, Gaston. **La terre et les rêveries de la volonté**. Essai sur l' imagination de la matière. Paris: Librairie José Corti, 1947.

BACHELARD, Gaston. **La terre et les rêveries du repos**. Essai sur les images de l' intimité. Paris: Librairie José Corti, 1948.

BACHELARD, Gaston. **La poétique de l'espace**. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

Por uma geopoética urbana (arte, cidade e paisagem)
Pierre Caprez

BACHELARD, Gaston. **La poétique de la rêverie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Primeira versão. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas Volume I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.165-221.

BERQUE, Augustin. **Médiance de milieux em paysages**. Paris: Belin, 2000.

BERQUE, Augustin. **Écouméne**, introduction à l'étude des milieux humains. Paris: Belin, 1987.

BERQUE, Augustin. **L'habiter dans sa poétique première, actes du colloque de Cerisy-La-Salle**. Paris: Donner Lieu, 2008.

BERQUE, Augustin. **La poétique de l'habiter, donner lieu au monde, actes du colloque de Cerisy-La-Salle**, Paris: Donner lieu, 2012.

BERQUE, Augustin. **La poétique de la Terre**. Paris: Belin, 2014.

DARDEL, Eric. **L'homme et la terre, la nature de la réalité géographique**. Paris: CTHS, 1990.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia**. São Paulo: Centauros, 2008.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUFRENNE, Mikel. **O Poético**. Porto Alegre: Globo, 1969.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Remarques sur art, sculpture, espace**. Lausanne: Payot, 2009.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HILLAIRE, Norbert. **L'expérience esthétique des lieux**. Paris: L'Harmattan, 2008.

HOLZER, Werther; MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia (orgs.). **Qual espaço do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

JUNG, C.G. **A dinâmica do inconsciente**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PALLASMAA, Juhani. **A Imagem Corporificada, Imaginação e Imaginário na Arquitetura**. Porto Alegre: BOOKMAN, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WERTHEIM, Margareth. **Uma história do espaço de Dante a internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Submetido em Janeiro de 2017

Revisado em Maio de 2017

Aceito em Junho de 2017